

O perfil do judeu sefardita em terras Amazônicas, em “Brasil, terra da promessa”, de Sultana Levy Rosenblatt

Carla Vitória Gomes de CASTRO¹

Resumo: Este trabalho volta-se para o estudo do perfil do judeu sefardita retratado na crônica “Brasil: terra de promessa”, presente no livro *Papéis* (1999) de Sultana Levy Rosenblatt. A escritora belenense pertenceu a uma tradicional família judia e dedicou-se a escrever contos, crônicas e romances. Dentre esses textos, está a crônica *Brasil, Terra da Promissão*, que será objeto de estudo dessa pesquisa. Esta obra retrata os caminhos de luta e conquista pelos quais passaram os imigrantes judeus que, a partir do final do século XIX, chegaram à Amazônia, em busca de liberdade religiosa e atraídos pelas riquezas da região. Utilizaremos as obras de Samuel Benchimol (2009), Henrique Veltman (2005), Reginaldo Jonas Heller (2010), entre outros, como referencial teórico.

Palavras-chave: Perfil do judeu sefardita; Sultana Levy Rosenblatt; *Brasil, terra de promessa*.

Introdução

*Não tens compaixão de mim?
Dai-me abrigo para morar
Não assista o meu fim,
Faça da tua terra o meu lar.
(Maurício Vieira²)*

Sabe-se que para manter viva a história de um povo é necessário que se respeite e cultive seus caminhos de luta, tradição e cultura. Desse modo, o presente artigo, tomando como base os estudos de Samuel Benchimol (2009) e de Reginaldo Jonas Heller (2010), voltou-se para delinear o perfil do judeu sefardita no território amazônico, tendo como texto de análise a crônica “Brasil, terra da promessa” de Sultana Levy Rosenblatt, presente no livro *Papéis* (1999). Rosenblatt nasceu no dia 10 de julho de 1910, em Belém. A escritora pertenceu a uma tradicional família judia e relata em uma crônica a trajetória dos judeus no Brasil e na Amazônia.

¹ Discente do curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Capanema-PA. E-mail: vitoriagcarla.18@gmail.com

O presente artigo foi escrito sob orientação da professora Dra. Alessandra Fabrícia Conde da Silva. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente da Universidade Federal do Pará/Campus Bragança. Coordenadora do Projeto de Pesquisa intitulado: “Ecos Sefarditas: Judeus na Amazônia”, na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: afcs77@hotmail.com

²O poema de Maurício Vieira, produzido como uma atividade da disciplina Teoria do texto poético, foi declamado no I encontro do projeto “Eco Sefarditas: Judeus na Amazônia”, realizado em 28 de março de 2019, em Capanema, Pará. O evento promoveu discussões sobre a tradição judaica na Amazônia e apresentou comunicações orais de pesquisas realizadas com o projeto.

Nesta crônica, Rosenblatt (1999) retrata os judeus em momentos históricos importantes para a memória do Brasil e os coloca como filhos desta terra. A propósito do gênero crônica, é importante entendermos o seu conceito, tomando como referência os apontamentos de Massaud Moisés em *A Criação Literária – Prosa II*. A palavra crônica, no latim *chronica*, significava no início da era cristã uma relação de acontecimentos vistos por uma sequência cronológica (MOISES, 2003, p.101). Com o tempo, recebeu outras designações e perdeu o caráter estritamente informativo. Assim, o autor enfatiza que o gênero crônica “oscila entre a reportagem e a literatura” (MOISÉS, 2003, p.101), porém é marcada pela ambiguidade, ou seja, para Moisés, a crônica utiliza-se não apenas de uma linguagem puramente jornalística, informativa, mas flerta com importantes aspectos literários. Não pretendemos, neste trabalho, fazer um estudo sobre o gênero crônica, tampouco estudar os aspectos literários presentes em “Brasil, terra de promessa”, embora reconheçamos que Rosenblatt se valeu, por exemplo, de uma rede intertextual para desenvolver as informações sobre a presença judaica no Brasil e na Amazônia, como podemos ver, por exemplo, na epígrafe disposta no texto que fala sobre a expulsão dos judeus do Egito e que rumaram para Canaã, em alusão ao texto bíblico: “Saindo do Egito, os judeus foram guiados por Deus a Canaã...” (ROSENBLATT, 1999, p. 159). Além disso, em um jogo de irônica comparação, correlaciona o descobrimento do Brasil com a necessidade de se encontrar um lar para os judeus expulsos da Península Ibérica: “E foi na hora do desespero [...] que surgiu o Brasil...” (ROSENBLATT, 1999, p. 159).

Há, no entanto, um personagem que se destaca na crônica: o judeu. Este ganha singular protagonismo, por isso, esse trabalho entende a importância de traçar o seu perfil ou os seus perfis. Considerando a imigração judaica para o Brasil, sobretudo, para a Amazônia, é necessário estudar sobre as razões que conduziram os judeus ao território brasileiro. No processo de conhecer o perfil ou os perfis do judeu sefardita na Amazônia, torna-se necessário compreender como os judeus foram concebidos em relação à história nacional e a maneira como esse imigrante concebeu a terra amazônica. Alguns elementos temáticos se destacam na crônica, tais como: a presença dos judeus no descobrimento do Brasil, a presença judaica em solo amazônico, o processo de luta para almejar a liberdade religiosa e a conquista financeira.

A história dos judeus no Brasil tem início desde o descobrimento do país, como Rosenblatt enfatiza na crônica. A autora comenta que, tão logo avistadas, as terras brasileiras foram percebidas por muitos portugueses como uma colônia de exploração, com o intuito de investir e lucrar, destinando as riquezas aos cofres de Portugal, pois o mesmo estava “em

penúria” (ROSENBLATT, 1999, p. 160). Dentre os povos vindos de Portugal, estavam os judeus que enxergaram no Brasil “a possibilidade de uma pátria livre” (ROSENBLATT, 1999, p. 159). Conforme a escritora paraense, a perspectiva de uma vida próspera e longe das perseguições inquisitoriais foi criada por Gaspar da Gama, um judeu com batismo cristão. Neste propósito, Henrique Veltman (2005, p. 02), em *Os Hebraicos na Amazônia*, afirma que “os filhos de Israel enxergaram nos descobrimentos e nas conquistas uma finalidade e uma escapatória”. Logo, a fim de fugir das perseguições da Santa Inquisição e gozar da liberdade religiosa, esta minoria ancora nesta terra selvagem, lançando “as primeiras sementes de civilização” (ROSENBLATT, 1999, p. 160).

Em “Brasil, Terra da Promissão”, os judeus são retratados como um povo que precisou percorrer um grande caminho de luta para manter a fé no Deus de Israel, além de se disporem a refazer as suas vidas, dedicando-se à produção do tabaco e da cana-de-açúcar, criando laços com os índios, o que lhes favoreceu muito em relação à terra e aos seus benefícios. Rosenblatt, para falar sobre a presença judaica no Brasil, desde os tempos coloniais, cita José Ramalho, reconhecido como judeu e, acima de tudo, por recusar-se a receber o batismo cristão na hora da morte, conforme determinações inquisitoriais: “João Ramalho é tido como judeu pelo seu perfil semita, pela letra hebraica com que inicia sua assinatura, e pela persistência em se negar a receber sacramentos cristãos à hora da morte, com 112 anos” (ROSENBLATT, 1999, p. 162).

Vê-se, portanto, que indícios de judaísmo se mantiveram firmes numa terra dominada pelo cristianismo, que flertava com atitudes antijudaicas. O judeu, nesses tempos, precisou viver seu judaísmo às escondidas. Talvez ali fosse só o começo de uma grande história de imigrações e de lutas, de chegadas e partidas. Rosenblatt (1999) cita a chegada dos holandeses e também mais uma partida dos judeus, os quais se viram, novamente, obrigados a partir e a fugir dos tribunais da Santa Inquisição. Com isso, o povo judeu procurou como abrigo as terras da Inglaterra, Holanda e outros permaneceram em terras brasileiras disfarçados nos mais diversos cargos, ocupando, nesse momento, espaço no clero, na medicina, no plantio e quando descobertos, eram condenados à morte, como Rosenblatt atesta em sua crônica:

Uma das vítimas é Antonio José da Silva, o Judeu, nascido no Rio. Advogado, poeta, teatrólogo, “incontestavelmente a maior figura da época (“Ronaldo de Carvalho, “Pequena História da Literatura Brasileira”) e considerado “o mais importante autor teatral do Reino”. Sua mãe e sua esposa haviam sido também castigadas pela Inquisição, e Antonio José, após longo processo, foi condenado a morte no garrote e seu corpo queimado na fogueira em praça pública. (ROSENBLATT, 1999, p. 168).

Em “Brasil, terra de promessa”, Rosenblatt apresenta aspectos da trajetória judaica no Brasil que vai além dos primeiros momentos do descobrimento do país. Ela apresenta a figura de um judeu poliglota, conhecedor de várias línguas e de costumes universais: “Gaspar da Gama, que acompanhou o navegador português nessa célebre viagem, na qualidade de tradutor, poliglota e grande conhecedor dos roteiros das Índias e da África” (ROSENBLATT, 1999, p. 159). Ao comentar-sobre os primeiros imigrantes judeus no Brasil, Rosenblatt afirma que o judeu Gaspar da Gama, que seguiu seu padrinho de batismo cristão, Vasco da Gama, na viagem de descobrimento do Brasil, tinha cultura humanista exemplar. Além de serem conhecidos pela sua capacidade de trabalho, os judeus sefarditas eram prestigiados pelo seu intelecto, por serem pessoas cultas.

Além disso, Rosenblatt referencia a conquista da liberdade destinada aos judeus conforme o exposto na Lei de 73, assinada pelo rei de Portugal, José I, e influenciada pelo Marquês de Pombal, em 25 de maio de 1773. Com tal lei, os judeus ficaram “livres” de perseguições, contudo, já tinham perdido importantes elementos da identidade judaica, como suas sinagogas e seus livros. Muitos perderam suas vidas. No século XIX, D. Pedro II interrompeu as restrições, em relação à vinda dos judeus ao território brasileiro, assim, agora, muitos judeus emigraram do Marrocos, Turquia e de outros lugares. Para Benchimol (2009, p. 309),

os novos imigrantes judeus, em sua maioria, provinham do Marrocos do norte espanhol, sobretudo das cidades marítimas e portuárias de Tânger, Tetuan, Ceuta, Arcila, Larache, do Marrocos árabe e berbere, do sul e do interior como Rabat, Salé, Fez, Meknês, Marrakesh, Mazagan, Mogador e Agadir. Os primeiros de origem sefaradita (Sefarad em hebreu significa Espanha) haviam sido expulsos em 1492, da Espanha e, em 1496, de Portugal. Falavam espanhol, português, ladino e hakitia, um dialeto misto de castelhano, português, hebraico e árabe, além de francês e inglês aprendido nas Escolas da Aliança Israelita Universal. Os primeiros se intitulavam megorashim – os exilados da Ibéria e os últimos eram cognominados, injustamente, de forasteiros – toshavim – que eram os judeus moradores nativos do interior do Marrocos, árabe e berbere, com séculos de tradição oriental nos países do Magreb, talvez emigrados do Egito e Israel após a destruição do templo no ano 70 da era atual. Eles falavam árabe e berbere dos povos primitivos que habitavam o interior do Marrocos, que os sefaraditas chamavam de arbia porque nem mesmo os judeus fluentes em árabe conseguiam entender o seu linguajar nativo.

Assim, inebriados, inicialmente, pelo sonho de conquista e de liberdade, os judeus sefarditas emigraram do Marrocos e destinaram-se às terras amazônicas.

As visões sobre a terra amazônica e o perfil do Judeu Amazônico

Por que emigraram os judeus marroquinos para a Amazônia, no século XIX? Benchimol, em *Amazônia: Formação social e cultural* (2009), explica os motivos do êxodo dos judeus, oriundos do Marrocos:

O êxodo dos judeus-marroquinos é explicado por meio dos diferentes fatores de expulsão: pobreza, fome, perseguição, discriminação, destruição de sinagogas, etc., como de forças de atração e favorecimento, de ordem política e econômica oferecida pelo Brasil e Amazônia, como a abertura dos portos, tratados de alianças e amizade, extinção da inquisição, liberdade de culto, abertura do rio Amazonas à navegação exterior e outros elementos que contribuíram para buscar a Amazônia – a nova Terra da Promissão – a Eretz Amazônia (BENCHIMOL, 2009, p. 259).

Assim como descreve Benchimol, conforme vimos acima, a crônica de Rosenblatt (1999) também mostra que a chegada dos judeus no território Amazônico foi um movimento que se alimentou de um sentimento de esperança para os judeus que procuraram, em território amazônico, tentar a sorte. Para Aldilene de Moraes (2019, p. 288), “o que justifica a preferência deles pela Amazônia e não por outras regiões do Brasil, concerne no fato deles acreditarem ser um território onde iriam encontrar riquezas, como ouro, pois estavam em busca da terra da promessa”. Porém, ao chegarem a terras amazônicas, a maior parte deste povo não gozou do bem-estar tão almejado, pelo contrário, sofreram as agruras de uma vida praticamente primitiva e espinhosa, na terrível selva amazônica. Contudo, a crônica de Sultana Levy Rosenblatt aponta e referência o judeu pela sua “capacidade de trabalho” (ROSENBLATT, 1999, p.171). Veltman (2005), em *Os Hebraicos na Amazônia*, diz que

o domínio mercantil, basicamente exercido primeiro pelos judeus e, mais tarde, também pelos árabes e adiante pelos japoneses, estabeleceu uma rede informal de proteção social, em troca de exclusividade da comercialização dos bens agro-extrativistas produzidos nos núcleos de seringueiros, castanheiros, colonos, ribeirinhos, extratores diversos e outros, ligados, em geral, à vida de povoados, vilas e pequenos centros urbanos de apoio (VELTMAN, 2005, p. 36).

Desse modo, Rosenblatt (1999, p. 174) enfatiza em sua crônica um dos grandes marcos dos judeus na Amazônia: a contribuição na economia da região. Benchimol apresenta pensamento análogo:

a capacidade de assumir riscos e penetrar no desconhecido do interior amazônico e de inovar depois no campo do comércio, indústria, profissões e serviços estavam presentes entre os pioneiros judeus e seus descendentes. Este tipo de cultura e comportamento foi estimulado pela coesão e incentivo familiar e pela boa formação do lar, educação escolar em todos os níveis, pelo espírito de poupança (que alguns interpretam como sovínice) e pioneirismo de emulação e competitividade. Tudo isso junto, aliado ao desejo de se tornar livre, de ter um negócio próprio, de fazer fortuna

e de se tornar independente, para poder vencer o preconceito e até a hostilidade, completam e complementam essas qualidades e atributos, responsáveis pelo surgimento de um número tão grande de empresários judeus, mesmo na segunda e terceira gerações (BENCHIMOL, 2009, p. 394).

É bom frisar que, além da grande importância para a economia local, outro grande registro da presença judaica na Amazônia, presente na crônica “Brasil, Terra da Promissão” e que marca o perfil deste judeu imigrante na obra, é a fé no Deus de Israel, mesmo em tempos e lugares adversos, e a sua conseqüente demonstração de orgulho, como traço perpetuador da fidelidade do judeu à sua identidade judaica. Isso se torna um grande registro de judeidade, posto que auxilia na formação do perfil do judeu amazônico. A propósito da noção de judeidade, Reginaldo Jonas Heller (2010, p.136) comenta que o conceito diz respeito à condição judaica, às tradições e à cultura judaica. Para Heller (2010, p. 142), “a identidade judaica era não apenas profundamente arraigada como admitida com orgulho e alegria”. Ademais, para fundamentar esta investigação, na crônica de Rosenblatt (1999), temos a figura de João Ramalho, citado anteriormente, um judeu que se negou a receber o batismo cristão na hora de sua morte, conforme ocorreu a tantos outros judeus. Na Amazônia, há os judeus que sofreram sem suas sinagogas, longe de suas comunidades religiosas, sustentados apenas pela fé no trabalho e no Eterno. Heller (2010, p. 21) diz que o

imigrante tentava adaptar-se, lutando a todo momento por não se deixar descaracterizar, ou não deixar escapar a imagem que tinha de si em termos de tradição, religião, língua, hábitos e costumes. Apesar disso, aquele judeu marroquino e seus descendentes construíram na região, e no Brasil, uma nova identidade.

Na crônica “Brasil, terra de promessa”, Rosenblatt sentencia que é um milagre a língua hebraica se manter viva, não ter se perdido num ambiente tão isolado, onde os judeus se encontravam sem seus livros e sinagogas. Apesar disso, a língua se manteve em uso, nas orações e em alguns costumes da religião. Rosenblatt (1999, p. 176) ainda comenta, a esse respeito, que com o fracasso do nazismo, os judeus reergueram o judaísmo, “reeditaram livros de orações, criaram escolas, fomentaram na juventude o interesse pelo idioma hebreu, [...], reacenderam nos filhos de Israel o orgulho de serem judeus”.

Considerando as informações apresentadas acima, sobretudo, às referentes ao longo processo de luta enfrentado pelos judeus até a chegada ao território amazônico, a crônica utilizada nesta pesquisa também procura compreender como o judeu depreendeu o território mencionado:

Nos fins do século XIX as novas imigrações procuravam a Amazônia, esperando talvez que longe da civilização pudessem viver em paz, ou então atraídos pelas fábulas sobre as fáceis riquezas encontradas na região. Tudo resultou em sonho. Só conheceram a vida difícil e primitiva da selva. Lá mesmo muitas vezes foram vítimas de pogroms, saqueados, maltratados, e se algum chegou a gozar de bem-estar, depois de muitos anos de trabalho dentro da floresta hostil (ROSENBLATT, 1999, p. 170).

Vale ressaltar ainda que, embora os judeus viessem para a Amazônia, talvez atraídos pelos contos sobre as diversas riquezas da floresta ou pelos fatores já mencionados, a trajetória da maioria desses imigrantes foi longa e sofrida, como se pôde observar no artigo intitulado *A prostituição e a condição judaica em Cabelos de Fogo* de Angélica Pinheiro (2019), em que se discute “a trajetória da personagem judia Hana, culminando a verificação de aspectos da presença e da condição judaica na Amazônia” (PINHEIRO, 2019, p. 115). Neste artigo, comenta-se sobre a prostituição de judias na Amazônia, as chamadas “polacas”, um capítulo que faz parte da história dos judeus na Amazônia.

Rosenblatt ainda descreve como estes imigrantes judeus sefarditas vinham carregados de ilusão, com esperança de gozar de uma vida plena, mas isso estava longe de tornar-se realidade, uma vez que saques às mercadorias vendidas pelos judeus e os perigos da densa floresta se tornaram, em muitos casos, uma realidade sofrida para esses imigrantes. Contudo, a autora ainda comenta que a forte imigração judaica, no final do século XIX, trouxe importantes e conhecidos nomes judaicos para a Amazônia brasileira: “vieram os Benoliel, os Bensimon, os Levy, os Benchimol, os Cohen, os Aben-Athar, os Nahmias, os Pinto [...]” (ROSENBLATT, 1999, p. 171), dentre outros, que chegaram carregados de esperança.

Além dos casos de prostituição, dos saques e das agruras da floresta amazônica, os judeus também tiveram que lidar com ondas de xenofobia, presente na região amazonense, como ocorreu em 1832. A esse respeito, Heller explicita (2019, p. 2) que

a primeira do Brasil independente ocorreu em 1832, durante a revolta paraense conhecida como Cabanagem, quando dois judeus e alguns ingleses foram mortos numa onda de xenofobia contra estrangeiros. Mas o horror, mesmo, ocorreu em 1901, nas localidades de Cametá, Baião, Mocajuba, Araquereruba, Mangabeira, Prainha, avançando pelas margens dos rios, onde os judeus tinham suas casas-armazéns, geralmente nos igarapés do "jacob", do "isaac" ou do "moisés". Foi quando ficou conhecido o episódio do "mata-judeu" e o massacre de Massauari, em Maués. Em Cametá, a anterior tranquilidade dos Sabbá transformou-se, repentinamente, em pilhagens e saques do comércio judeu, fazendo com que, na época, a comunidade buscasse refúgio em Belém.

Nesta conjuntura, tem-se em vista que a Amazônia foi concebida, inicialmente, como uma espécie de terra prometida em que a comunidade judaica poderia viver livremente a sua fé. Para Rosenblatt (2019, p. 1), “apenas haviam-se mudado do purgatório para o inferno”.

Além disso, considerando a trajetória percorrida pelos judeus ao longo dos anos e como este povo contribuiu para o desenvolvimento do país, outro ponto importante, apresentado na crônica “Brasil, Terra da Promissão”, é a maneira como este judeu se concebe em relação à história nacional. Logo, faz-se necessário retomar alguns elementos que contribuíram para este caminho de liberdade e construção do orgulho do povo judeu, são eles: o processo de miscigenação judaica na Amazônia; a contribuição para a economia local, principalmente, no período áureo da borracha; e a “chama” de uma fé que se manteve acesa mesmo após tantos anos de perseguições. Segundo Rosenblatt (1999, p. 171):

as novas imigrações procuravam a Amazônia, esperando talvez que longe da civilização pudessem viver em paz, ou então atraídos pelas fábulas sobre as fáceis riquezas encontradas na região. Tudo resultou num sonho. Só conheceram a vida difícil e primitiva da selva. Lá mesmo muitas vezes foram vítimas de pogroms, saqueados, maltratados, e se algum chegou a gozar bem-estar, depois de muitos anos de trabalho dentro da floresta hostil, longe ficou de se considerar rico. [...] Aceitavam a vida quase primitiva, em lugares onde ainda hoje a civilização mal penetrou. Casa, condições sanitárias, alimentos, ambiente, tudo em termos primários. Tornavam-se os médicos e professores dos filhos e da população vizinha. Contribuíam para o desenvolvimento da região com sua capacidade de trabalho e a assistência social que prestavam aos nativos. E como consequência da juventude em contato com a natureza, contribuíam também para o “melhor aspecto heterogêneo da gente”, casando-se ou coabitando com mulheres do lugar e com elas tendo filhos.

Rosenblatt referêcia em sua crônica nomes de judeus que contribuíram para o comércio local, para o jornalismo e à esfera política e literária. Entre eles estão:

Os irmãos Aben-Athar, professora Diana e Drs. Jayme, médico e José, advogado. Eliezer Moysés Levy, político, jornalista e dos primeiros industriais na região. Do Mojú, professora Feliz Benoliel, jornalista, pianista. Dr. Abraham David Benoliel, advogado. Benedito Cohen, jornalista, poeta. Menassés Bensimon, banqueiro e um dos fundadores, com José Benjó, do clube social recreativo Assembléia Paraense[...]. (ROSENBLATT, 1999, p.173).

Rosenblatt (1999, p.173) destaca ainda a primeira geração brasileira de judeus “nascidos dos destemidos moços marroquinos”, fruto de uma longa história de perseguições, mortes e desigualdades sociais, porém conscientes dos seus direitos e cumpridores dos seus deveres, tendo voz e vez na sociedade. Agora, com o sentimento de liberdade, orgulho e de uma renascença do judaísmo, este povo se concebe como “brasileiros de religião judaica” (ROSENBLATT, 1999, p. 174). Inebriados por um sentimento de orgulho sionista, a escritora judia paraense descreve uma cena que acende o ideário de liberdade e de paz a serem buscadas na Amazônia:

Já então o movimento sionista alcançara o Brasil em Belém, quando depois da Primeira Guerra Mundial celebrou-se o Armistício, um carro representando Israel (então Palestina) tomou parte na parada que desfilou em Belém. Nesse carro a senhorinha Alita Levy, sentada numa cadeira alta, com os braços onde se viam algemas arrebentadas, levantados e empunhando uma bandeira azul e branca com a estrela de Davi (desenhada por Eliezer Levy) e numa faixa no alto do cerro a inscrição – “Da Palestina Livre ao Brasil Independente) (ROSENBLATT, 1999, p. 175).

Esta imagem de glória, de orgulho, que festeja a paz, reflete o ambiente amistoso em que os judeus, já estabelecidos na capital paraense, viviam, muitos anos após a época das primeiras imigrações. Benchimol atesta que muitos judeus escolheram as capitais para viver, mas havia aqueles que desde a chegada à Amazônia se embrenharam na floresta, buscando na vida no interior, no comércio ribeirinho, o sustento para as suas famílias. Com o tempo, muitos deles também rumaram para Belém ou Manaus, assumindo o lugar no comércio que fora antes dos exportadores franceses, inglês e alemães que deixaram a Amazônia, após a crise da borracha. Os judeus

[...] participavam das atividades ligadas ao comércio exterior de importação, exportação e aviamentos para o interior, como também defendiam e promoviam a Amazônia nos congressos e exposições internacionais, quando representavam a burguesia comercial e industrial das antigas e prestigiadas Associações Comerciais do Pará e Amazonas, onde exerceram papéis importantes como diretores e presidentes (BENCHIMOL, 2009, p. 315).

Em suma, o judeu logra posição diferenciada na Amazônia. Não mais o prisioneiro ou o fugitivo. O perfil que se construiu é o de um cidadão que se estabeleceu nesta terra, tornou-se filho dela e tem um sentimento de orgulho pela história que carrega e que ajudou a criar. Rosenblatt representa o judeu amazônida como um homem distinto. As cores que ela escolhe para pô-lo em relevo são cores que reforçam um sentimento de orgulho em relação às conquistas de seus irmãos e pais. Nas primeiras décadas do século XX, os judeus amazônidas dedicaram-se à economia, construindo empresas e indústrias, como pontuam Elias Salgado e David Salgado:

Após o declínio da borracha, outros produtos passaram a constituir a base da economia regional entre 1920 e 1940, principalmente, a extração da castanha e a criação de gado bovino. Entre a 3ª e a 4ª geração, houve um período de prosperidade para a comunidade judaica. De 1925 a 1940, inúmeras empresas de exportação e importação de produtos regionais negociavam em Manaus (SALGADO; SALGADO, 2015, p. 24).

Engajaram-se em redes de jornais da região, como o jornal intitulado *Kol Israel*, “Voz de Israel”, fundado por Eliezer Moysés Levy, pai de Sultana Levy Rosenblatt. A autora belenense também cita o nome de alguns judeus proeminentes, que deixaram seus legados à comunidade, em geral, como médicos e professores:

Dr. Elias Abraham Roffé, médico. Isaac e Simão Riffé, comerciantes exportadores. Dr Moysés Sabat, solicitador. Dra. Estrela Zagury, das primeiras médicas formadas pela faculdade de medicina de Belém. No primeiro quadro de formatura do Liceu Paraense, entre um resumido número de diplomados, como bacharéis em ciências e letras, figura de uma moça judia. Na primeira metade do século XX o comércio e indústrias fortes do Pará são marcados pelos nomes de Moysés Levy, Moysés Serfaty, Jayme Pazuelo, Marcos Athias, Marcos Abtibol, Jacob Bezecry [...]. (ROSENBLATT, 1999, p.174).

No romance de Paulo Jacob, *Um pedaço de lua caía na mata*, o judeu Salomão adverte ao seu filho Jacó sobre a responsabilidade de ser judeu e a sua relação com a educação: “O povo de Deus vence pela inteligência, pela cultura e pela paciência. Nunca se viu um judeu sem saber ler nem escrever” (JACOB, 1990, p. 23). Segundo Alessandra Conde da Silva, os judeus se tornaram, na Amazônia, desbravadores e aventureiros:

Em [...] *Brasil, terra da promessa*, presente em *Papéis*, Sultana (1999, p. 160), conta-nos uma história peculiar sobre a chegada dos primeiros judeus às terras brasileiras, vindos com Fernando de Noronha, um judeu. Neste caso, o judeu passa a ser visto como um desbravador. Eles “lançaram na terra selvagem as primeiras sementes da civilização”. Seguindo esta perspectiva, a escritora judia traça a história da presença judaica no Brasil, considerando seus coirmãos como “colonos que preferiam o encontro com a aventura, o jogo da sorte entre índios antropófagos e os perigos da selva, aos horrores das perseguições inquisitoriais” (ROSENBLATT, 1999, p. 160). A mesma visão Sultana retoma em *Como viemos morar na Amazônia* (ROSENBLATT, 2009), crônica publicada na revista *Morasha*: “É que por esse tempo os rapazes judeus eram encorajados pelos próprios pais a procurarem nova vida, fosse onde fosse. Qualquer lugar seria melhor do que a existência em guetos rodeados de mouros inimigos”. A autora apresenta seus familiares e coirmãos, coetâneos ou não, como aventureiros, desbravadores (CONDE-SILVA, 2020, p. 174-175).

O perfil do judeu construído por Rosenblatt em “Brasil, terra de promessa” dialoga com o perfil que Benchimol procurou delinear, atribuindo-lhe como uma condicionante cultural:

Os judeus que vieram habitar e viver na Amazônia, a partir de 1810, podem ser classificados e adjetivados em cinco correntes, como segue:

- 1 os sefaraditas expulsos de Portugal, Espanha e Marrocos, que falavam português, espanhol e hakitia;
- 2 os forasteiros nativos do Marrocos, que falavam arbia e hakitia;
- 3 os serfaditas de Alsácia e Lorena, de fala francesa e alemã;

4 os askenazitas da Alemanha, Polônia e dos países da Europa Central, que falavam alemão e ídiche;

5 os foinquinitas do Oriente Médio, que falavam ladino e árabe. (BENCHIMOL, 2009, p. 313).

Com base nessa classificação, a professora Alessandra Conde da Silva no artigo “Personagens judeus na Amazônia: uma proposta de categoria de análise”, presente no livro *Ecos sefarditas: judeus na Amazônia*, de Alessandra Conde da Silva e Silvia Benchimol Barros (2020), estabelece algumas categorias que podem auxiliar quanto à construção do perfil do personagem judeu. As categorias descritas são: “epítetos”, “condição religiosa/educação”, “idade”, “gênero”, “profissões”, “gerações”, “ambiência”, “origem étnico-religiosa”, “tempo das imigrações externas ou internas” e “imagens pró-judeu” (CONDE-SILVA, 2020, p. 106-107). No nosso caso, vemos que Rosenblatt procurou delimitar o perfil do judeu em sua profissão, considerando as gerações de imigrantes, os pioneiros e seus descendentes, o tempo das imigrações e das migrações na Amazônia, as imagens que favorecem a percepção do perfil judeu na Amazônia e a fé e a educação como marcas distintivas da identidade judaica.

Em conclusão, a crônica “Brasil, Terra da Promissão” apresenta importantes registros judaicos, destacando a proeminência dos judeus nos setores de desenvolvimento econômico do país, a maneira como este povo reergueu-se e passou a ocupar os mais diversos e importantes cargos do Brasil, traçando, portanto, o perfil de um judeu imigrante que se faz construir culto, empreendedor e a serviço da sociedade. Além disso, outra característica marcante deste judeu imigrante “é uma fé cuja persistência silenciosa era mais forte do que o poder das armas” (ROSENBLATT, 1999, p. 169), assim como a necessidade de desbravar as florestas e os rios amazônicos.

Considerações finais

“Brasil, Terra da Promissão” é uma crônica que apresenta elementos históricos que auxiliam não apenas o estudo da presença judaica na Amazônia, mas também ecoam informações sobre a história dos judeus no Brasil, pois abrange, sobretudo, os caminhos de luta e conquistas pelos quais os imigrantes judeus passaram em território nacional.

Nesta crônica, Sultana, para compor o perfil do judeu amazônida, precisou voltar-se para o passado do descobrimento e do período de colonização do território nacional, buscando marcar os perfis dos judeus proeminentes do referido período.

Na Amazônia, valeu-se de novas imagens. O imigrante precisou vencer as dificuldades do ambiente amazônico, isto é, os rios e a densa floresta. O judeu é um sobrevivente, é um lutador. Ele orgulha-se disso e da conquista da terra, ainda que inóspita. A escritora de origem sefardita também se orgulha disto. Os judeus, diz-nos Rosenblatt, “estão na política, no exército, na medicina, na arquitetura, na indústria, em todos os campos dominados pela civilização e pelo progresso” (ROSENBLATT, 1999, p. 176).

REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, S. *Amazônia: Formação social e cultural*. Manaus: Editora Valer, 2009.
- CONDE-SILVA, A. Os judeus na Amazônia: antissemitismo e literatura. *Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens*, Goiânia, vol. 05/n.01, p. 163-179, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/10216/7414>. Acesso em: 27 de out. 2020.
- CONDE-SILVA, A. Personagens judeus na Amazônia: uma proposta de categorias de análise. In: CONDE-SILVA, A.; BENCHIMOL-BARROS, S. (Org.). *Ecos sefarditas. Judeus na Amazônia*. Rio de Janeiro: Editora Talu Cultural, 2020.
- HELLER, R. *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia*. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2010.
- JACOB, P. *Um pedaço de lua caía na mata*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.
- LOPES, A. Marcas Judaicas em “Como Viemos Parar na Amazônia” de Sultana Levy Rosenblatt. *Revista EDUCAmazônia*, Manaus, v.22, n.1, p. 283-290, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/5776>. Acesso em: 24 de mai. 2020.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- PINHEIRO, A. A prostituição e a condição judaica em *Cabelos de Fogo*. *Revista A Palavrada*, Bragança, n.15, v.1, p. 115-125, 2019. Disponível em: <http://revistaapalavrada.blogspot.com/p/edicao-15-2019.html>. Acesso em: 24/05/2020
- ROSENBLATT, S. Brasil, terra da promessa. In: *Papeis*. Belém: Editora Grafia, 1999.
- SALGADO, D; SALGADO, E. *História e Memória: Judeus e Industrialização no Amazonas*. Rio de Janeiro: Editora Amazônia Judaica, 2015.
- VELTMAN, H. *Os hebraicos na Amazônia*. Comitê Israelita do Amapá, Amapá, 2015. Disponível em: http://www.comiteisraelitadoamapa.com.br/sc/upload/files/Os_Hebraicos_da_Amazonia.pdf. Acesso em: 07 de fev. 2020.

The profile of the Sephardic Jew in Amazonian lands, in “Brazil, land of promise”, by Sultana Levy Rosenblatt

Abstract: This work focuses on the study of the profile of the sephardic jew portrayed in the chronical “Brasil: terra da promessa” present in the book Papeis Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 21, jan-jun, p. 3-15, 2022

(1999) by Sultana Levy Rosenblatt. The Belenese writer belonged to a traditional Jewish family and dedicated herself to write short stories, chronicles and novels. Among these texts is the chronicle *Brasil, terra da promessa*, which will be the subject of the research. This work portrays the paths of struggle and conquest of the Jewish immigrants that from the end of the 19th century, arrived in the Amazon in seek of religious freedom and attracted by the riches of the region, went through. We will use the works of Samuel Benchimol (2009), Henrique Veltman (2005), Reginaldo Jonas Heller (2010), among others, as theoretical reference.

Keywords: Profile of the Sephardic Jew; Sultana Levy Rosenblatt; *Brasil, terra de promessa*.

<p>Recebido em 25 de maio de 2020 Aprovado em 08 de setembro 2020 Publicado em 17 de fevereiro de 2023</p>
